

O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO
PATEO DO PARAIZO
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES
POR MEZ A RAZÃO
DE 500 RÉIS.

*De Deus é maldição a ignorancia,
Nas azas da instrucção ao céo subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

O ENSAIO

RECIFE 15 DE MAIO DE 1876

De novo empunha seu bordão o *Ensaio*.
Começa a luta.

Para nós abrem-se e fecham-se as portas d'um templo, como na velha Roma abriam-se e fechavam-se as de Jano, annunciando a luta ou a paz. Aqui era a luta do braço a escrever com a espada tinta em sangue: ou vencer para levar o facho luminoso da civilisação ou a liberdade á um povo, estorcendo-se nas garras do despotismo; ou morrer, legando á patria a honra. Alli é a luta do braço á traduzir com a penna o pensamento; é a luta da intelligencia, tendo por espada o amor ao estudo, como campo o presente e o passado e como c'rôa o futuro.

Começa a luta, o inimigo avança e sem amor á patria, ella periga, como periga o nosso futuro senão tivermos presente.

Abri a historia, folheai-a pagina por pagina e lá vereis quaes são os élos mais fortes desta cadeia que atravessa o mundo d'um polo a outro. Vereis quem é que quasi sempre livra um povo envolvido nos turbilhões de poeira, prestes a precipitar-se no abysmo. Vereis a quem pertence esta epopéa escripta desde o volver dos tempos.

E' sempre a mocidade, o sustentaculo das liberdades publicas, o forte braço do carro do progresso.

Que importa que por ahi zombem de nós, que, tacteando nas trevas, queremos tambem aprender a ver a luz? Loucos que são, e não sabem que, como tudo, a intelligencia tem tambem berço e precisa de tempo para desenvolver-se.

Escrever, sim, escrever para o publico é difficil, mas que importa, se os erros de hontem não são os de hoje, e se os de hoje não serão os de amanhã?

Que importa que zombem de nós, quando as idéas que mais perturbação tem causado ao espirito humano, tem sido escarnecidas?

Vêde o eremita de Argobasto a querer libertar o pensamento, e o mundo a chama-lo louco. Libertou.

Vêde Napoleão a taxar de utopia a empreza grandiosa dos mares. Realisou-se.

Que importa que por ahi zombem de nós, quando os proprios genios tem quem queira impedi-los em seu fogoso vôo, ou como disse P. Chagas: « Não descancam em quanto não arrancam o diadema a essas fronteas sublimes, não socegam em quanto as aguias não baixam o vôo, para se prestarem á trivial curiosidade das aves vulgares, que, encerradas na gaiola da vida material, não podem seguir com a vista o vôo da rainha dos ares no espaço illimitado. »

Tudo passa, tudo marcha, e a mocidade altaneira sempre seguirá no lugar que lhe compete.

Embora passageira, como dizem, a existencia destas folhas, que todos os dias surgem d'entre a mocidade, faz ainda crer que esta é sempre a mesma, que seu lugar não cede na vanguarda do progresso.

O *Ensaio*, que hoje réapparece na arena jornalística, depois de algum silencio, sustentará seu programma de hontem, e dirá á mocidade que espere seu dia, como Colombo, e deixe que passe a tempestade, que mais tarde vem a bonança.



**A sentida morte do nosso sabio
e distincto mestre, Dr. José
Antonio de Figueiredo.**

Parca! Parca cruel, tão dura e féra,
Da triste humanidade és soberana!
Tua fouce afiada e deshumana
Acaba as illusões, que o mundo géra!

Tu destróes o florir da primavera,
No palacio do grande entras ufana,
Nem desprezas dos pobres a choupana,
Lei da morte cruel e tão severa!

Da nossa Academia florescente,
Um amigo roubaste á mocidade,
Um mestre disvelado, intelligente.

Buscou sua alma pura a eternidade;
Mas elle viverá na nossa mente,
Que não morre o talento, a probidade.

9 de Maio de 1876.

ALCIPRESTE.

**O distincto litterato e martyr Per-
nambucano, Fr. Joaquim do
Amor Divino Caneca.**

*Exulta Pernambuco! Nem
a discordia, inveja ou tibieza
de alguns, poderá dilacerar as
brilhantes paginas da tua his-
toria.*

(MUNIZ TAVARES.)

Ainda bem, que já vamos nos lembrando
do nosso passado tão glorioso!

Ainda bem, que já vamos rendendo o me-
recido tributo ao patriotismo nunca excedido
de nossos antepassados!

Ainda bem, que já vamos erigindo monu-
mentos bem solidos para conter o arrojo deses-
perado, com que os aulicos do Rio de Janeiro
pretendem offuscar as nossas sempre inveja-
das glorias!

E' que o sol da justiça é por demais arden-
te para que haja nuvem que o obumbre!

Ha alguns annos que o Instituto Archeolo-
gico e Geographico Pernambucano projecta
erigir em differentes praças da nossa histori-
ca cidade, estatuas aos heróes da nossa res-
tauração do jugo ferreo da potente Hollanda.
Ainda esta nobre idéa não foi realisada, falta
ao Instituto o recurso, porém sobra a von-
tade!

Nunes Machado, o martyr de 48, o grande
tribuno do povo Pernambucano; Souto Maior,
o patriota ousado, que, em delirio de amor
pela patria, chegou a commetter um crime,
se é crime vingar a honra de suas pa-
tricias, já tiveram quem lhes erguesse com
mão de artista primoroso os seus monumen-
tos!

O Sr. commendador Antonio Joaquim de
Mello, que já alguém chamou muito apro-
priadamente o *Plutarcho Brasileiro*, tirou
do cahos do esquecimento á muitos Pernam-
bucanos illustres, nas lettras e nas armas!

As obras do distincto poeta e primoroso
orador sagrado, vigario Barreto, já foram pu-
blicadas ás expensas do governo.

Hontem era um particular quem publicava
as obras do distincto patriota Pernambucano,
Natividade Saldanha; hoje é o proprio gover-
no quem, por um acto digno de admiração,
manda publicar as obras politicas e litterarias
do immortal Fr. Caneca!

Hontem era um homem do povo quem, en-
vidando esforços, erigia um monumento ao
poeta patriota, que andou foragido pela Eu-
ropa, America do Norte, e findou seus dias
em Venezuela, ralado pelas saudades da pa-
tria e de seus amigos; hoje é o proprio go-
verno, o algoz de tantas victimas Pernambu-
canas, quem, reconhecendo a injustiça e ty-
rannia de seu passado, publica as obras de
Fr. Caneca, acompanhadas de sua biographia
e documentos importantes, comprobatorios de
seu proprio despotismo!

E' que a justiça póde tardar, mas nunca
falha!

E' bem pronunciada e já de longa data co-
nhecida, a grande tendencia dos Pernambu-
canos para a liberdade!

Elles em geral aceitam de bom grado o go-
verno monarchico, comtanto que elle seja li-
beral e nunca absoluto.

Como diz o commendador Antonio Joaquim
de Mello, nesta mesma obra que apreciamos,
«as primeiras manifestações de independen-
cia no Brasil deram-se nos claustros de Per-
nambuco, em 1649.»

Os claustros, outr'ora repositarios das
sciencias, foram aqui em Pernambuco as pri-

meiras atalaias de nossa independencia, foram as primeiras fontes de nossas liberdades.

Estes nobres sentimentos sempre vivos no coração dos Pernambucanos, manifestaram-se de novo no dia 6 de Março de 1817.

Fr. Caneca, nascido nesta capital e já neste tempo ordenado, e professor de rhetorica e geometria, foi um dos martyres desta revolução malograda!

Com uma corrente atada ao pescoço, caminhou elle pelas ruas desta cidade, em frente de uma longa fila de condemnados, que era seguida de uma musica marcial.

Embarcados no brigue *Mercurio*, foram estes destimidos patriotas recolhidos ao porão, agrilhoados e com gargalheiras que os obrigavam a permanecer deitados.

« Com breve viagem tinha já chegado no mesmo porto a corveta *Carrasco*, pela qual souberam os Bahianos o complemento da desgraça de Pernambuco, e souberam com prazer ao menos exterior. Ribombaram as fortalezas com salvas, fizeram-se fogos de artificio, á noite todas as casas da cidade foram illuminadas, o nome do Conde dos Arcos voava de bocca em bocca, era aclamado o salvador da monarchia, as maiores honras que o rei e vassallos podiam conferir-lhe, julgavam-se inferiores ao seu incomparavel merito. Os presos não desembarcaram de dia, como a gentalha desejava, mas sim depois de meia noite, e ainda á essa hora muitos daquella fêz giravam para os insultar, cantando em alta voz:

Bahia é cidade,
Pernambuco é grotta,
Viva Conde d'Arcos,
Morra o patriota. » ⁽¹⁾

Não lhes servio o exemplo do padre Roma arcabusado no Campo da Polvora, por amor da liberdade, recusando-se sempre á declarar quaes d'entre elles eram tambem complicados!

Elles queriam mais victimas, elles as tiveram!

No mesmo Campo da Polvora foram arcabusados: Domingos José Martins, padre Miguel Joaquim de Almeida Castro e José Luiz de Mendonça.

« Os Bahianos viram, como morre o homem livre; a lição devia ficar-lhes impressa. » ⁽²⁾

Os demais patriotas permaneceram por

quatro annos nas immundas masmorras da Bahia, soffrendo os maiores tormentos, que é possível imaginar.

« De tanta miseria nenhum Bahiano mostrou-se compadecido nem ao menos indirectamente; temiam o halito dos infelizes, como se fossem empestados, negavam a amisade, suffocavam os mais suaves movimentos do coração para não excitarem a desconfiança. Mas para honra da humanidade veio o fragil sexo com nobre coração confundir o denominado forte..... » ⁽¹⁾

Algumas freiras Bahianas dividiram com os presos Pernambucanos o seu minguido pão.

Todavia este terrivel padecer não impossibilitou á Fr. Caneca, Vilella Tavares, Antonio Carlos, Muniz Tavares e tantos outros, espiritos decididos e emprehendedores, amantes da liberdade e por consequente da civilização, de transformarem a cadeia em academia, onde aprendiam e ensinavam; de converterem esta habitação das trevas em sacrario da luz, estas espeluncas nojentas em tabernaculo da sciencia.

O sanguinario Luiz do Rego por sua vez aqui na cidade do Recife condemnou ao cadafalso Antonio Henrique Rebello, cuja tranquillidade e coragem em presença da commissão militar e por occasião de sua morte, é assim descripta por Muniz Tavares: « Na presença daquelle tribunal elle não mudou de côr, nem defendeu-se, gloriou-se dos seus feitos, confessou claramente os seus principios, e desafiou a morte. A sua intrepidez espantou os juizes; a sua constancia e serenidade no cadafalso, enterneceu o mesmo algoz, preto encanecido no ludibrioso officio; antes de estreitar a corda ao pescoço, pedia ao padecente mil perdões; aquelle amorosamente o abraçava, e penetrado de enthusiasmo exclamou pela ultima vez: *Viva a patria!* »

A' este se seguiram: Domingos Theotônio, José de Barros Lima, padre Pedro de Souza Tenorio, José Peregrino de Carvalho, Amaro Gomes da Silva Coutinho, Francisco José da Silveira, padre Antonio Pereira e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão. Mas não ficou nisto; as suas cabeças eram fincadas em postes, os seus corpos arrastados á caudas de cavallo, e suas mãos pregadas em lugares publicos.

Já é martyrio! E o povo que possui destes herões tem bem razão de orgulhar-se;

⁽¹⁾ Historia da Revolução de 1817.

⁽²⁾ Obra citada.

⁽¹⁾ Obra citada.

tanto mais quando consideramos, que estes homens admiráveis subiam ao cadafalso tranquillos e resignados, e exhalavam o último suspiro erguendo vivas á liberdade e á patria.

Aqui transcrevemos um bello soneto do Sr. Desembargador Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva, composto no momento em que lhe disseram que a sua sentença de morte estava lavrada. E' quasi que ignorado, e é por isso que transcrevemos:

A LIBERDADE

Sagrada emanção da divindade,
Aqui do cadafalso eu te saúdo;
Nem com tormentos, com revezes mudo,
Fui teu votario, e sou, ó liberdade!

Póde a vida brutal ferocidade
Arrancar-me em tormento mais agudo,
Mas das fúrias do despota sanhudo
Zomba d'alma a nativa dignidade.

Livre nasci, vivi, e livre espero
Encerrar-me na fria sepultura,
Onde imperio não tem mando severo.

Nem da morte a medonha catadura
Incute pôde horror a um peito férro,
Que aos fracos tão somente a morte é dura.

Tantos e tão crueis soffrimentos e tantos e tão horribes exemplos não intimidaram ao distincto patriota Fr. Caneca, e nem o demoveram a abandonar as suas idéas liberaes, curvando-se ao despotismo. Sempre que a liberdade perigava, elle a auxiliava com os seus esforços, com as suas luzes.

Surgio em 1822 a independencia do Brasil, e os Pernambucanos a saudaram como a justificação plena do seu procedimento em 1817, tanto assim que não se recusaram a acclamar o Sr. D. Pedro I Imperador constitucional, e na solemnidade que se procedeu por esta occasião no Corpo-Santo, foi orador o proprio Fr. Caneca.

Mas eis que reunidas as camaras para tratarem de nossa constituição politica, são arbitrariamente dissolvidas, e o Sr. D. Pedro I nos apresenta uma constituição por elle fabricada.

Logo que chega esta noticia á Pernambuco a junta do governo da provincia se julgou sem força moral, para permanecer na sua regencia, e perante um grande conselho por ella convocado, pedio a sua demissão. Visto isto foi nomeado para presidente de Pernambuco Manoel de Carvalho, e continuou a sê-lo ape-

zar da nomeação feita pelo Imperador, de Francisco Paes Barreto, um dos da junta, que se reconheceu sem força moral para governar a provincia.

Reunidos diversos conselhos por Manoel de Carvalho para se tratar, já da entrega da regencia da provincia ao presidente nomeado pelo Imperador, já do juramento da constituição imposta por Pedro I, e já de outros pontos de governo, Fr. Caneca fez por tres vezes ouvir-se em votos, que revelavam erudição, e decidido amor á liberdade, á justiça e ao direito, e creou o *Typhes Pernambucano*, periodico, de que foi redactor, destinado a advogar a causa do povo e á ensinar-lhes os seus direitos e deveres.

Entretanto não ha justiça e direito para o despota, a sua vontade supprime uma e outra cousa.

Os Pernambucanos que adheriram a monarchia queriam-na assentada nos principios de direito e justiça, e não baseada logo em um acto arbitrário e despotico.

Travou-se a luta entre elles e o Sr. D. Pedro I; mas foram vencidos pela força, nunca pela justiça.

Tomada a cidade do Recife pelo exercito imperial, trataram todos de salvar a vida com a fuga. Fr. Caneca, que tomára para o lado de Goyanna, encontrou-se com a força da Parahyba em *Póço Comprido*, e nella incorporando-se, vagou pelos sertões do norte durante tres mezes, andando cerca de 350 leguas, por lugares quasi deshabitados, soffrendo fome, sêde, tormentos horribes e assaltos continuados, etc.

E' esta a terceira expedição tentada pelos Pernambucanos, sendo que duas foram no tempo da invasão dos Hollandezes; cada uma das quaes é digna por certo de comparar-se com a retirada dos dez mil gregos commandados por Xenofonte.

Fr. Caneca vai dando em seu itinerario um resumo minucioso de todo o occorrido nesta expedição, descrevendo todas as fazendas, lugarejos e montanhas que encontra em seu trajecto, os diversos encontros com o inimigo, e o numero dos mortos resultantes de diversos combates, assim como a abnegação com que muitos delles deixam a vida, saudando a patria querida.

« A descida da serra Borburema, ainda mesmo nesta estação, é lindissima; apresenta golpes de vista os mais pittorescos e capazes de encantar os olhos do viajante. »

Eis o que elle diz da serra da Borburema em seu itinerario; todavia se dermos credito á tradição e ao testemunho de pessoas con-

temporaneas do illustre martyr, neste mesmo lugar, arrebatado pela sua linda perspectiva, elle fez uma canção dedicada á patria, que por certo não existe, visto não ter sido apon-tada em sua biographia.

Pessoa fidedigna, que a ouvira, ha algum tempo, pôde-nos reproduzir com algum esfor-ço de memoria a seguinte quadra, que men-cionamos para não ficar de toda sepultada na escura noite dos tempos.

A' par da simplicidade, vemos nella o pa-triotismo:

Do passar do Barbarina
Tive saudade dobrada,
Dos parentes e amigos,
Da cara patria adorada.

O exercito vio-se finalmente obrigado á ca-pitular. Fr. Caneca que fazia parte delle foi preso com outros, e escoltado entrou na cida-de do Recife, onde foi logo encerrado em ri-gorosa prisão.

Sendo processado pela commissão militar, apresentou elle mesmo a sua defeza, a qual foi alterada apenas em alguns pontos pelo seu advogado, implorando a clemencia dos juizes.

Elle foi condemnado á morte, e com tran-quillidade ouviu a leitura da sentença, fazendo observações sobre alguns topicos falsos, e fi-nalmente foi encerrado no oratorio.

Ahi confessou-se religiosamente com o seu provincial Fr. Carlos, e passou as horas con-versando com a maior calma com o official assistente sobre o proceder do governo, con-trario a todos os principios da justiça e do direito.

O seu illustrado biographo cita uma poesia feita por elle em uma dessas occasiões, a qual começa assim:

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração;
A patria roubou-m'o todo,
Marilia que chore em vão.

Esta bellissima estrophe fez-nos lembrar uma poesia que possuímos delle, que tendo o mesmo principio, todavia é inteiramente diffe-rente quanto ao resto.

Hoje sabendo que ella não está incluída em suas obras, com grande prazer a trans-crevemos do Almanak Luso-Brasileiro de 1872, para que seja incluída no 2º volume que ainda se está imprimindo.

O Sr. Luiz Carlos de Araujo Pereira Pal-ma publicando esta poesia no dito Almanak, diz, entre algumas palavras de que faz pre-

ceder a poesia, o seguinte: « Razão teve um illustrado senador, que disse ser esta das pro-víncias do Brasil a unica que tinha uma his-toria exclusivamente sua; e ainda aquelle que, sendo filho de S. Paulo e extasiando-se ante os prodigios de valor dos Pernambuca-nos em 1848, exclamou:—Quanto não dese-jaria ser Pernambucano se não fôra Paulista!

« Realmente é para entusiasmar o herois-mo de um padre Ribeiro ⁽¹⁾ suicidando-se, novo Catão, para não ver a ruína da patria, d'um padre Miguelinho, preferindo a morte a negar-se autor de um documento que o com-promettia, e de tantos outros. »

Eis a poesia:

HYMNO DE FREI CANECA

I

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração,
A patria roubou-me a vida,
Marilia que chore em vão.

Maria pede a teus filhos,
Por minha propria abenção,
Morrão, como eu, pela patria;
Marilia que chore em vão.

(1) Padre João Ribeiro Pessoa foi um dos chefes da revolução de 1817, o qual vendo-a malograda preferio, qual Catão, suicidar-se, a ver sua patria escrava.

A crueldade dos vencedores chegou a pon-to de desenterra-lo, collocando á sua cabeça em um pelourinho, onde permaneceu até 1819, anno em que desapareceu. O Sr. Major Luiz da Costa Porto-Carreiro em 7 de Dezembro de 1871 offereceu a sua caveira ao Instituto Archeologico e Geographico Per-nambuco, pronunciando nesta occasião um bello discurso, em que diz que a dita caveira foi tirada do pelourinho pelo consul francez aqui em Pernambuco, Felix Naudin, que de-pois legou-a ao parente do martyr, Francisco Cavalcante de Mello, o qual mostrou-a á elle offerente, ao Dr. José Soares de Azevedo, Te-nente-Coronel Francisco Camello Pessoa de Lacerda, e ao Sr. Commendador Bento José Fernandes Barros. Vindo depois a fallecer o dito Francisco Cavalcante de Mello, o Sr. Porto-Carreiro indagou da sua familia se ainda existia a reliquia, e obtendo-a offereceu ao Instituto.

Apenas forem crescendo,
Cresçam co'as armas na mão,
Saibam morrer como eu morro;
Marilia que chore em vão.

Defender os patrios lares
E' dever do cidadão,
Quando exalem pela patria,
Marilia que chore em vão.

II

Para defender a patria
Menino homem se faz;
Eu dando a vida por ella,
Morrendo, não peno mais.

De que me serve viver
Entre suspiros e ais?
Se vivo, vivo penando,
Morrendo, não peno mais.

Inda qu'eu queira, não posso
Existir entre os mortaes;
A morte serve d'allivio,
Morrendo, não peno mais.

Oh! morte porque não vens
Findar meus dias fataes;
Se vivo, vivo penando,
Morrendo, não peno mais.

« Aqui fica. Quando esquecido e apagado da lembrança dos que o conservaram, achar-se-ha neste repertorio de memorias, e os archivos terão mais um documento que não duvidarei chamar historico, porque resume a historia dos ultimos momentos d'uma vida sacrificada no altar da patria. »

Prosigamos em sua biographia.

Na vespera da execução o cabido, *sede vacante*, dirigio-se de cruz alçada ao palacio para implorar a demora da execução, em quanto dirigiam uma supplica ao Imperador! Mas nada conseguiu.

Chegou finalmente o dia 13 de Janeiro de 1825, o marcado para sua execução, e em quanto elle dormia, pois que a hora aprazada foi preciso acorda-lo, as embocaduras das ruas da cidade eram occupadas pela tropa!

Sendo despido na igreja do Terço das vestes sacerdotaes, dirigio-se a illustre victima para o largo das Cinco-Pontas, onde se erguia o patibulo. Os carrascos recusaram-se a enforca-lo, e não houve tormentos que os demovessem desse proposito.

Foi por conseguinte necessario que morresse fuzilado!

« O varão forte e justo, ensinou elle mesmo ao alcaide perplexo e tremulo, o modo como o havia de amarrar a um dos esteios da forca. »

A descarga souou, e o distincto martyr subio a eternidade, deixando gravado na historia um nome illustre e um bello exemplo no coração dos Pernambucanos.

« *Impavidum ferient...* »

« Immediatamente que a victima cahio e expirou, a tropa numerosa, de que estava cercada a forca, com o mais selvagem e provocante escarneo, exclamava:—Viva S. M. Imperial! Viva a constituição! Viva a independencia do Brasil! E em seguida cantaram, acompanhados da musica militar, o hymno brasileiro.

« E tudo isto para que, oh vindouros? Para que se tornasse predilecta ao povo a ordeira monarchia; para que D. Pedro fosse bem amado e adorado dos Brasileiros; para que estes acreditassem na verdade e summa bondade da constituição, á que os violentavam, e que permittia tão diabolicas atrocidades e horrores! » ⁽¹⁾

Seguiu-se á sua morte a do capitão Lazaro de Souza, Antonio Macario e Agostinho Bezerra que foi executado na propria semana santa!

A' tanto se estendeu a crueldade do nosso primeiro monarcha.

E é este o homem que tem uma estatua na capital do Imperio! E' este o homem que se denomina immortal e pai da patria!

Não somos soldados de nenhuma facção politica, já tivemos occasião de dizê-lo, e vamos sempre repetindo; mas em nome do direito e da justiça o recommendamos a execração da posteridade!

O que devemos nós os Brasileiros ao Sr. D. Pedro I, á este monarcha que fallava liberalmente e obrava despoticamente, á este homem que proclamou em Portugal, depois de sua abdicação no Brasil, como verdadeiros, como sabios, como justos, os mesmos principios aqui condemnados? O que devemos?!

Uma independencia que nós exigiamos e que ainda assim pagamos com um throno, e que elle nem ao menos soube devidamente guardar! ⁽²⁾

⁽¹⁾ Conclusão de sua biographia por Antonio Joaquim de Mello.

⁽²⁾ Referimo-nos á concentração de todas as forças no Rio de Janeiro para guardar e proteger a sua pessoa, ao passo que abandonava as demais provincias aos seus proprios recursos.

Uma constituição que não nos podia impôr, e que dizendo-se liberal trazia em si o germen do maior absolutismo.

Milhares de victimas immoladas com a maior crueldade ao seu despotismo, ao seu arbitrio!

Mas os Pernambucanos ficaram vingados, porque elle vio-se na necessidade de abdicar o throno brasileiro, e na vetusta Europa proclamou os mesmos principios que aqui havia condemnado, punindo tão barbaramente aos seus sacerdotes.

E é a este homem tão incoherente, que só attendia aos seus interesses pessoaes, que os aulicos do Rio de Janeiro ainda hoje incensam para agradar ao filho!

E' debalde que o Sr. Pereira da Silva, Pereira Pinto, e tantos outros querem marear com as suas asserções sem provas o brilho de nossas glorias; elles já tiveram suas respostas ⁽¹⁾ e vão sendo esmagados com a apparição da historia, da verdade!

E' debalde que elles pretendem amesquinhar os generosos impulsos de nossos comprouvianos.

A' elles responderemos com as bellas palavras de Victor Hugo:

« Os genios attrahem sempre a injuria, os grandes homens teem sempre um maior ou menor numero de mastins que lhes ladrem. »

H. C.

Abaixo publicamos uma bella *poesia inedita* do mavioso poeta e litterato pernambucano, Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, cuja reputação litteraria não se limitava ao nosso imperio, estendia-se ao mundo europeu, onde o Sr. Visconde de Castilho, sacerdote das letras portuguezas, apreciava-o summamente. Esta poesia faz parte de uma linda collecção, escripta por elle no album de sua esposa. Prescindimos de mais algumas palavras acerca do illustre poeta, porque no numero seguinte pretendemos publicar a sua biographia, acompanhada de uma ligeira noticia acerca de suas obras.

Eis a poesia:

Eu tive um sonho n'uma noite destas:
Era o céu de saphira, um céu formoso,
Que illuminava a lua delicada
Com seu clarão saudoso.

(1) Referimo-nos ao discurso do Dr. Apri-
gio, pronunciado no Instituto Archeologico e
Geographico Pernambucano.

Bello quadro, sem par! Que perspectiva
Tão amena se abriu jamais no mundo?!
Dormia a natureza em doce encanto,
N'um silencio profundo.

Figurou-se-me ver n'um prado extenso
Lindas flores, mimosas, perfumadas,
Por um macio zephiro ligeiro
Apenas balouçadas:

Era um vasto jardim delicioso,
Que s'entreabria em maga primavera,
Cujo raro matiz em phrases d'ouro
Descrever eu quizera.

Mas eu não tenho engenho para tanto:
A scena sem igual m'enfeitiçava;
E em tal situação, sem saber como,
Meu coração arfava.

Meus olhos enleivavam-se no prisma
De um novo Eden; mundo deleitoso
Levantou-se-me então, como do empyreo
Transumpto magestoso.

Eram anjos tambem que alli se viam
Resplendentes, gentis, arrebatados
Em cantares dulcisonos, divinos,
Suspensos, enlevados.

Mas entre as flores uma só prendeu-me
Sentidos e attenção: era garbosa,
Pura, louçã, como eu não vira nunca,
Em quadra primorosa.

Tinha um odor celeste — era um aroma
De ineffavel delicia: inebriou-me,
E novas sensações no intimo d'alma
Ella então excitou-me.

Desses tantos espiritos angelicos,
Um só me fez pasmar: era assombroso,
Nem creio que no céu outro anjo exista
Mais candido e mimoso.

Isso tudo sonhei, mas de repente
O sonho s'esvaio, e o anjo e a flor:
Eu despertei, e junto a mim no leito
Estava o meu amor.

O meu amor, a minha esposa, aquella
Unica imagem do jardim sonhado:
O só anjo que Deus, para aditar-me,
Fez surgir ao meu lado.

Se ha ventura no somno, então a tive,
E a tenho sempre no correr da vida:
O que eu sonhei então possúo e gózo,
E' a esposa querida.

Recife, 26 de Outubro de 1868.

O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

PARTE I

CAPITULO III

(Continuação) ¹

O AFOGADO

Veloz como o raio, o desconhecido arre-messou-se ao rio, cheio de um animo generoso, procurando salvar a vida de um homem a custa da propria vida.

A corrente do Tibre arrastava comsigo a presa, e se o desconhecido se demorasse mais um pouco, Marcello ter-se-hia perdido para sempre. Os relampagos succediam-se com mais frequencia e a mais curtos intervallos, o magnanimo varão fazia esforços inauditos, dir-se-hia que a Providencia Divina lhe dava vigor e protegia aquelle que, nem por alcançar os applausos da multidão curiosa, nem por desejo de recompensa, expunha-se de tal maneira. As trevas de uma noite borrascosa, aclaradas unicamente pelos relampagos, circumdavam os dous, um dos quaes era arrastado semi-morto pelas aguas, e o outro o seguia com a energia de um provecto nadador; porém o coração deste pulsava fortemente, faltava-lhe a respiração, e debalde procurava elle aferrar a victima, que era-lhe arrebatada por um vortice.

A desesperação lhe dava novo alento, do intimo d'alma elle invocou a misericordia divina. Deus ouviu-lhe a supplica, o nadador precipitou-se violentamente... em seguida um grito de alegria escapou-lhe dos labios: elle havia empolgado a roupa do afogado.

Pouco depois o nadador collocava Marcello á margem do rio, e cansado, tremendo de frio, punha-se-lhe ao lado, dizendo:

— Este infeliz está morto: baldados foram os meus esforços, Deus não quiz que eu salvasse a vida a um meu semelhante...

Nesse instante Marcello fez um movimento e soltou um surdo gemido.

— Está vivo, porém por falta de soccorro pôde morrer, disse o nadador erguendo-se; depois levando a mão á fronte, como se lhe viesse uma subita inspiração, levantou Marcello, que estava desmaiado, em seus braços, e caminhando rapidamente, como se não carregasse peso algum, depois de haver percorrido os caminhos tortuosos do Aventino, chegou ao monte Celio, e bateu á porta de uma cazi-nha que certamente não demonstrava a opulencia do proprietario.

Logo em seguida ouviu-se o rumor de duas vozes, depois abriu-se a porta, e Decio, acompanhado de um homem de aspecto venerando, que tinha dito ao barqueiro chamar-se Jeronymo Dalmata, apresentou-se no umbral.

— Meu Deus, está morto! exclamou Decio reconhecendo á escassa luz de uma candeia o livido semblante de Marcello.

— Não, não está morto ainda, respondeu o nadador.

Decio prorompeu em uma exclamação de surpresa, ao reconhecer o barqueiro do Tibre; depois tomou em seus braços o irmão de Valeria, e, conduzindo-o para uma camara cheia de grossos volumes, depositou-o sobre um leito.

(Continúa.)

Correspondentes

Rio de Janeiro — O academico João Zeferino Ferreira Velloso.

Bahia — O academico Manoel Francisco do Rego Barros.

Parahyba — Clementino Antonio da Silveira Ramos.

Rio-Grande do Norte — Alcebiades Cavalcante de Albuquerque.

Pernambuco:

Palmares — Manoel Marinho do Nascimento Valois.

Jaboatão — Vicente Nunes de Magalhães.

Victoria — João Januario dos Santos.

Goyanna — Francisco Cesar de Araujo.

Aviso

No escriptorio da redacção acha-se a venda a collecção deste jornal, que se publicou o anno passado, por 500 rs.

¹ Vide o n. 3 de 15 de Outubro de 1875.